

FACULDADE SANTA RITA

CURSO DE PEDAGOGIA

**ALFABETIZAÇÃO NA TERCEIRA IDADE EM
ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: UM RELATO
SOBRE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE
LEITURA E ESCRITA ENTRE IDOSOS
INSTITUCIONALIZADOS**

Viviane Maria da Silva

Novo Horizonte

2019

FACULDADE SANTA RITA

CURSO DE PEDAGOGIA

VIVIANE MARIA DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO NA TERCEIRA IDADE EM
ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: UM RELATO
SOBRE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE
LEITURA E ESCRITA ENTRE IDOSOS
INSTITUCIONALIZADOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Faculdade Santa Rita como requisito parcial
à obtenção do título de licenciatura em
Pedagogia sob orientação da professora: Ma
Anita Gombrade

Novo Horizonte

2019

MEMBROS DA BANCA DE DEFESA DO TRABALHO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA
ALUNA DO CURSO DE PEDAGOGIA

VIVIANE MARIA DA SILVA

APRESENTADA À FACULDADE SANTA RITA, EM 17 DE DEZEMBRO DE 2019.

BANCA DE DEFESA:

Prof.^a Ma. Orientadora – Anita Gombrade

FACULDADE SANTA RITA

Prof.^a Esp. Andreza Santoro Roque

FACULDADE SANTA RITA

Prof.^a Esp. Ana Carolina Amaral Colombo

FACULDADE SANTA RITA

ALFABETIZAÇÃO NA TERCEIRA IDADE EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: UM RELATO SOBRE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LEITURA E ESCRITA ENTRE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

SILVA, Viviane M. D.

RESUMO. Embora a alfabetização de idosos institucionalizados não tenha despertado o interesse da maioria dos pesquisadores em Educação, este artigo traz o relato de um desafio, ou seja, investigar sobre a importância e como ocorre o processo de alfabetização na terceira idade. Para compreender mais sobre uma vivência como educadora em um lar para idosos, entre março a novembro de 2019, buscou-se compreender um pouco mais sobre quais papéis foram atribuídos aos idosos ao longo da história no Ocidente, como também compreender a luta por seus direitos nestas últimas décadas. Dentre esses direitos, à Educação é também um deles. Isso levou a uma questão ainda mais profunda, ou seja, saber sobre quais os motivos e obstáculos à alfabetização de idosos quando crianças; quais são suas motivações para participarem de um projeto de alfabetização nesta fase da vida e como avaliam aprender a ler a escrever em suas vidas. Por isso, além de diversos autores da Pedagogia Social e Andragogia, a obra de Paulo Freire tornou-se essencial para responder a essas questões como também para sua reflexão. Por meio da metodologia da pesquisa participante e sob abordagem da pesquisa qualitativa, foram coletadas informações de onze (11) idosos participantes de um projeto de alfabetização desenvolvido pela FASAR em um lar de idosos institucionalizados. Como técnica de coleta de registros, escolheu-se a entrevista. Concluiu-se que o projeto foi bem-sucedido e contribuiu não apenas para a formação da pesquisadora e avaliação da faculdade parceira do projeto, como também pode sensibilizar a outros pesquisadores e educadores se interessarem e aprofundarem o tema em pesquisas futuras em outras localidades.

Palavras-chaves: Alfabetização; Andragogia; Idosos.

THE LITERACY IN SENIORS: A REPORT ON THE WRITING AND WRITING ACQUISITION PROCESS AMONG INSTITUTIONALIZED ELDERLY PEOPLE

ABSTRACT. Although literacy of sheltered elderly people hasn't taken the interest of most of researchers in Education, this paper tells about the challenge of investigating about the importance and how the literacy process happens among seniors. To understand more about the experience of an educator working in a shelter of elderly people from March to November 2019, it was necessary to understand also more about which roles were given to the seniors in West history, and understand the struggle for their rights in the last decades. Among these rights there is the Education. All that took this paper into a deeper issue to know more on the reasons and obstacles to literacy of these seniors had to face when they were children, which their motivation to take part into a literacy project at this point of their lives is, and how they evaluate learning how to read and to write for their lives. Therefore, besides many authors of Social Pedagogy and Andragogy, the work of Paulo Freire became essential to help responding to these questions, as well as to guide this reflection. Through participating research methodology and qualitative research approach, information of 11 seniors were collected in a literacy project developed by FASAR in a shelter for old-aged people. For collecting data, the technique of interview was used. It was concluded that the project has succeeded and it has contributed not only to help the researcher graduation and evaluation, but also to sensitize another researchers and educators to become interested and go deeper in the topic in future research in another places.

KEYWORDS: Literacy; Andragogy; Seniors.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo de pesquisa trata sobre a vivência, enquanto pesquisadora e professora, em um projeto de alfabetização dirigido a residentes em um lar para idosos, realizado, a partir de 2019, em parceria com a Faculdade Santa Rita (Fasar), na região de Novo Horizonte/SP. A partir dessa vivência, a pesquisadora passou a questionar e a buscar saber: Como a leitura e a escrita se tornam importantes na vida da população idosa residente do município de Novo Horizonte/SP?

Motivada por essa dúvida, pretendeu-se saber para tentar compreender mais profundamente sobre o universo dos idosos brasileiros, especialmente aqueles que vivem em lares e residências institucionais. Com o tempo, foi construído um relacionamento de amizade e muita aprendizagem, tanto a eles, mas principalmente para a pesquisadora, enquanto futura pedagoga e como ser humano.

Isso também provocou curiosidade sobre como a Educação pode ser desenvolvida em contextos fora da escola e da sala de aula. Por isso, buscou-se conhecer os fundamentos da Pedagogia Social. Pode-se compreender que a Pedagogia Social, uma das linhas de pesquisa no campo de Trabalho Social, também trata de questões referentes à Educação de Adultos e, especialmente entre idosos (Andragogia).

A Pedagogia Social focaliza as relações em que um indivíduo estabelece em sua comunidade com o objetivo de superar desafios, enquanto ser social. Sua metodologia é dirigida aos grupos sociais, em que o sujeito interage com seu contexto. Diante disso, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa participante, em que, por meio da técnica da entrevista, poderia compreender melhor sobre o universo que envolve a Educação entre idosos institucionalizados.

Sob essa linha de pensamento, surge ainda a necessidade de uma reflexão sobre a educação em espaços não escolares (ENE), uma vez que se reconhece a Pedagogia se constituir como uma ciência que ultrapassa os muros da escola. No contexto da sociedade da informação, do avanço da tecnologia e do processo de globalização surge a necessidade de disseminação e internalização de saberes exigidos pela sociedade.

Desse modo, o século XXI torna-se marcado por novas configurações pedagógicas que criam e recriam diferentes possibilidades de ensinar e aprender.

Nesse cenário, em espaços não escolares pode ser compreendida como uma linha de trabalho em Educação que envolve várias práticas consideradas formativas, porém fora da escola. Porém não se trata de uma negação ou oposição à educação escolar, mas como uma forma de educação marcada por estabelecer interfaces de colaboração, complementaridade, associação e suporte. Tendo em vista uma educação ao longo de toda a vida, o processo educativo torna-se dinâmico que cede espaço a práticas educativas plurais e contextualizadas, em que a cultura e experiência de vida dos sujeitos tornam-se suporte para construção de saberes e atitudes críticas e criativas (SEVERO, 2015).

A educação em espaços não escolares coincide com outras categorias, como por exemplo, a educação não formal. Essa discussão sobre a educação não formal remonta desde a década de 1960 e provocou uma reflexão ao que se denominava como modelo de “escola autoritária”, “escola tradicional” e “escola classista”. A ENE ainda possibilita uma discussão sobre as diferentes funções da educação à vida do sujeito, além da preparação para o mercado de trabalho, ou seja, aprendizagem para o lazer, o entretenimento, a participação social dentre outros objetivos (SEVERO, 2015).

Desse modo, torna-se importante repensar a ENE a idosos institucionalizados, por meio de práticas educativas contextualizadas e ajustadas aos objetivos dos sujeitos, ao seu mundo social, cultural, histórico e intersubjetivo.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), estima-se que o número de pessoas acima dos 60 anos chegará a 2 bilhões até 2050, ou seja, um quinto da população mundial. Já no contexto brasileiro, em 2016, o Brasil tinha a quinta maior população idosa do mundo. Assim sendo, estima-se que em 2030 o número de idosos será maior que o contingente de crianças entre 0 a 14 anos (BRASIL, 2018). Por isso, a necessidade de compreender a realidade que envolve a população idosa para garantia de seus direitos, tais como o acesso à Educação, se tornará cada vez mais urgente.

Assim sendo, esse tema se justifica uma vez que, embora todos tenham direito ao acesso à Educação nem todos os idosos tem a chance de resgatar esse direito que lhes foi negado em alguma fase da vida. Por meio desta pesquisa, busca-se entender melhor como a Pedagogia Social e a Andragogia poderão contribuir para a Educação de pessoas idosas institucionalizadas se torne possível e os possíveis obstáculos a serem superados.

Como objetivo geral, pretende-se saber como os processos de aquisição da leitura e da escrita se tornaram relevantes entre adultos institucionalizados. São ainda, como objetivos específicos: relatar a vivência de participação em um projeto de alfabetização desenvolvido em parceria entre a Faculdade Santa Rita - FASAR e um lar para idosos; verificar qual a real motivação dos participantes do lar no projeto para retomarem seus estudos; e, analisar como ocorreu o processo de alfabetização, nessa instituição.

Quanto à metodologia, escolheu-se a pesquisa participante e a abordagem qualitativa, em que, por amostragem, a partir da coleta de informações por meio de observações da pesquisadora que atua como alfabetizadora voluntária do projeto, além de entrevistas aplicadas para análise com onze (11) participantes do projeto. Como norte metodológico buscou-se apoio no trabalho de Paulo Freire com a pesquisa participante e sua experiência com a Educação de Adultos.

Portanto este artigo se subdivide em quatro capítulos de fundamentação teórica, em que o primeiro apresenta-se a maturidade como construção social e histórica; o segundo, estimativas sobre a população idosa no Brasil e sua representatividade; o terceiro sobre as contribuições da Pedagogia Social e da Andragogia; em quarto capítulo, sobre a contribuição de Paulo Freire para a educação de adultos, uma vez que sua obra constitui-se o norte desta pesquisa. (Vale ressaltar que a fundamentação teórica apoia a análise das informações coletadas por meio da técnica da entrevista e, por isso, a análise não está em um capítulo à parte) e, por fim, as considerações finais conforme verifica-se a seguir:

2. METODOLOGIA

Sabe-se que, no campo da Educação, a pesquisa poderá ser concebida como uma atividade momentânea ou por uma atividade de interesse contínuo e com efeitos e resultados a médio e longo prazo. Desse modo, a pesquisa em Educação atinge uma dimensão social como agente de transformação em uma dada localidade ou em âmbito maior. Assim sendo, o pesquisador e os participantes pesquisados estão relacionados em um dado tempo e espaço, tendo em vista a busca pelo conhecimento científico e também para alcançarem seus objetivos (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Isso equivale a dizer que a pesquisa científica é contextualizada em uma dada sociedade e tempo. Por isso, torna-se como um fenômeno social, em que o pesquisador tem seu olhar influenciado por sua história e sua época.

O tema de pesquisa escolhido surgiu a partir do contato com a Pedagogia Social, parte do conteúdo curricular do curso de licenciatura em Pedagogia, em que se permite perceber os diversos espaços em que a Educação acontece, como também redefinir um dos papéis da Pedagogia, enquanto ciência.

Quanto ao encaminhamento de pesquisa, escolheu-se a metodologia da pesquisa participante, em que o dizer e o fazer dos pesquisados, os idosos, são considerados essenciais para se compreender como ocorre a aprendizagem nesse segmento da população, especialmente fora do contexto escolar.

Dentre as características dessa modalidade de pesquisa, pesquisa participante identifica-se, tal como a pesquisa-ação, por buscar obter resultados socialmente relevantes. Também ocorre o envolvimento entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados. Esse relacionamento produz um efeito de identificação entre si, principalmente quando os objetivos são também sujeitos sociais. A pesquisa participante no Brasil tem como grande experiência e contribuição o trabalho de Paulo Freire (GIL, 2012).

É também típica dessa modalidade de pesquisa haver uma preocupação com o processo de pesquisa, com o significado, com a maneira em que os participantes veem em si mesmos, suas experiências e o mundo que as cerca. Cabe ao pesquisador aprender e retratar essa visão pessoal dos participantes (ANDRÉ, 1995).

Sabe-se que Paulo Freire, já na década de 1960, realizou contribuições metodológicas inovadoras e importantes. Tais inovações opunham-se a concepções clássicas de ciência no campo das Ciências Sociais, principalmente no que se refere às limitações da pesquisa experimental e seus métodos. Pode-se assim considerar que toda a obra de Paulo Freire propõe uma índole participativa, uma vez que apresenta concepções específicas do homem, do mundo, da liberdade, da Educação, da conscientização, do diálogo, da formação de cidadãos para o mundo (SILVA, 1986).

Dentre suas contribuições, a pesquisa participante reconhece que a ciência não é neutra, já que considera a história e a subjetividade do pesquisador ao investigar o fenômeno de pesquisa e realizar sua construção. Paulo Freire reconhece ainda que a pesquisa participante, ao dar voz e vez aos sujeitos pesquisados, apresenta também

uma dimensão política. Pesquisador e sujeitos pesquisados estão em igualdade de papéis, como também são diluídas as fronteiras entre teoria e prática, em que uma complementa a outra. Surge assim o conceito de práxis, ou seja, uma atividade teórico-prática em que tais elementos somente se separam um do outro por abstração, resultando em uma transformadora da realidade natural e social (SILVA, 1986).

Em sua história, a instituição pesquisada surgiu de uma iniciativa do pároco de uma Igreja com a finalidade em acolher pessoas que viviam nas ruas da cidade abandonadas e sem famílias. No década de 1970, o pároco conseguiu a doação de uma área na região para a construção da instituição, e com a colaboração de voluntários construiu-se a Organização de Sociedade Civil (OSC).

A organização contava com a dedicação de um casal que atendia as pessoas acolhidas. Em 04 de Setembro de 1981, após uma reunião com os voluntários, foi criado o Estatuto Social da OSC. Posteriormente, o documento passou por adequações buscando sempre sua legalidade. Atualmente, o lar conta com uma Diretoria e um Conselho Fiscal para administrar e fiscalizar a aplicação dos recursos financeiros e patrimônios, bem como o desenvolvimento das ações socioassistenciais. A OSC teve reconhecimento público por meio de diversas certificações e alvarás.

Com capacidade de acolhimento para 60 pessoas idosas, a OSC também ampliou os serviços ofertados passando também a atender, desde março de 2016, a modalidade de Centro Dia para até 10 idosos. Ambos os serviços estão inscritos no Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) e no Conselho Municipal do Idoso (CMI). Assim, constata-se que a entidade é idônea e está em pleno e regular funcionamento no município de Novo Horizonte SP.

Sua missão consiste em “proporcionar melhor qualidade de vida aos idosos acolhidos e atendidos, com base nos princípios éticos, humanitários e de responsabilidade social, por meio de todos os esforços possíveis dos envolvidos, garantindo aos idosos um envelhecimento saudável e com dignidade”.

Em sua visão, a organização busca “tornar-se um centro de referência no atendimento aos idosos, com ênfase na reabilitação física e emocional, onde todos os assistidos possam viver em harmonia e se sintam valorizados individualmente”.

Dentre seus valores, estão pautados a partir dos valores cristãos de amor, caridade, fraternidade, humildade e justiça; somados aos valores institucionais:

competência, experiência e vigilância constante; foram a essência da instituição norteando todas as suas atividades.

Neste ano de 2019, uma psicóloga, após uma visita aos universitários da faculdade fez um convite para os discentes para participarem como voluntários de um projeto de alfabetização com idosos. Realizou-se uma sondagem para diagnóstico com o objetivo de identificar dificuldades de aprendizagem entre os idosos do lar. A partir do planejamento e aplicação de uma atividade de intervenção foi possível avaliar a coordenação motora, o domínio da ortografia, a segmentação da escrita, o traçado das letras e a escrita do próprio nome.

Desde então, em parceria com a Faculdade Santa Rita (Fasar), realizamos um projeto de alfabetização a idosos no lar. O projeto é desenvolvido no próprio lar, com a visita de voluntárias, onde também participo desde março, em todas as quartas-feiras. Nesse período, conheci os moradores do lar, e pude construir um relacionamento de respeito e amizade com todos, o que facilitou a coleta de informações por meio da elaboração e aplicação de entrevistas para investigar como ocorre o processo de alfabetização entre idosos, fora do contexto escolar.

Os conteúdos são aplicados respeitando o processo individual de alfabetização com foco no alfabeto e na leitura. Atualmente, sessenta e sete (67) idosos residem no lar, outros sete (7) frequentam apenas durante o dia. Foram realizadas vinte e dois (22) sondagens e dezessete (17) idosos participam do projeto. A turma é heterogênea, ou seja, há idosos em um nível mais ou pouco avançado que os outros.

Quanto às técnicas de coleta de informações, escolheu-se a entrevista. Trata-se de um procedimento aplicado para investigação social com o objetivo de contribuir ao diagnóstico. É uma etapa importante que exige alguns cuidados, tais como: o planejamento frente ao objetivo a ser alcançado; conhecimento prévio do entrevistado e grau de familiaridade dele sobre o assunto; agendamento da entrevista e local; garantir sigilo de sua intimidade; preparação de um roteiro ou formulário com as perguntas mais importantes (LAKATOS; MARCONI, 1991).

O registro das respostas foram anotadas no momento da entrevista para maior fidelidade das respostas. A linguagem gestual também foi considerada pela pesquisadora. Portanto, por meio dessa pesquisa pretende-se contribuir ao rol de pesquisas acadêmicas sobre a alfabetização de idosos institucionalizados em seu contexto de vivência, fora da escola.

Neste projeto envolvendo dezessete (17) idosos do lar, entre março a novembro de 2019 foram planejadas e desenvolvidas as seguintes atividades:

Tabela 1 - Distribuição de aulas realizadas no projeto.

| Aulas ministradas | Duração | Data Dia e Mês | Unidades temáticas | Procedimento/Recursos |
|-------------------|---------|-------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|
| 1 ^a | 2h | 13/03 | Afetividade | Leitura, música, compreensão oral |
| 2 ^a | 2h | 20/03 | Coordenação motora | Atividade impressa, papel crepom, cola. |
| 3 ^a | 2h | 27/03 | Afetividade, Desenvolvimento da Coordenação motora fina, Traçado da letra 'A'. | Atividade impressa, escrita com intervenção, lápis, lápis de cor. |
| 4 ^a | 2h | 09/04 | Escrita da Letra 'A'. | Escrita sem intervenção, folha sulfite, lápis e borracha |
| 5 ^a | 2h | 16/04 | Afetividade, Desenvolvimento da coordenação motora fina, traçado da letra 'E' | Escrita com intervenção, lápis borracha, lápis de cor. |
| 6 ^a | 2h | 23/04 | Afetividade, Desenvolvimento da coordenação motora, movimento pinça. | Leitura, Desenho ziguezag, caneta, papel cartão. |
| 7 ^a | 2h | 30/04 | Traçado da letra 'l' leitura do alfabeto. | Apresentação da letra, lápis, borracha. |
| 8 ^a | 2h | 01/05 | Relacionar á silaba inicial dos objetos com seu nome . | Atividade impressa, lápis , lápis de cor, borracha. |
| 9 ^a | 2h | 08/05 | Traçado da letra "O" , escrita e identificar quais figuras começam com a letra trabalhada | Lápis grafite, lápis de cor, borracha |

| | | | | |
|-----------------|----|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|
| 10 ^a | 2h | 15/05 | Leitura do alfabeto ,trabalhando a inicial do nome | Papel crepom |
| 11 ^a | 2h | 22/05 | Continuação d sequência alfabética. | |
| 13 ^a | 2h | 05/06 | Festividade, ensaios para festa junina. | Saia e som |
| 14 ^a | 2h | 12/06 | Festa junina | Saia, som, comidas típicas da festa. |
| 15 ^a | 2h | 10/07 | Atividade completar os espaços com as vogais faltosas | Lápis, borracha e lápis de cor. |
| 16 ^a | 2h | 24/07 | Reconhecimento dos meses do ano, dia da semana | Cartaz de EVA. |
| 17 ^a | 2h | 07/08 | Leitura do alfabeto, traçado das consoantes | Lápis e borracha. |
| 18 ^a | 2h | 21/08 | Atividade de identidade Quem sou eu? | RG, lápis e borracha. |
| 19 ^o | 2h | 28/08 | Desenho livre, pintura. | Atividade impressa e Lápis de cor. |
| 20 ^a | 2h | 04/09 | Afetividade, 7 de Setembro dia da independência do Brasil, história da independência . | Reconhecimento das cores da bandeira do Brasil. |
| 21 ^a | 2h | 11/09 | Reconhecimento da família silábica "ba" no cartaz e atividade de leitura e escrita da mesma. | Cartaz de EVA, atividade impressa, lápis e borracha. |
| 22 ^a | 2h | 02/10 | Leitura, identificação das sílabas no cartaz e jogo brincando com as letras | Cartaz de EVA, jogo de madeira. |

| | | | | |
|-----------------|----|-------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|
| 23 ^a | 2h | 09/10 | Leitura de cartaz, atividade da sílaba “ca” | Cartaz de EVA, atividade impressa, lápis e borracha. |
| 24 ^a | 2h | 30/10 | Atividade com pintura para o desenvolvimento das habilidades motoras e gerenciar suas ações de coordenar melhor seus movimentos com o lápis | Atividade impressa e lápis de cor. |
| 25 ^a | 2h | 06/11 | Leitura e interpretação de calendário para a utilização de organização de acontecimentos e compromissos. | Calendário impresso, papel canson, lápis de cor. |
| 26 ^a | 2h | 13/11 | Leitura, reconhecimento e escrita da sílaba “da” | Cartaz de EVA, atividade impressa, lápis e borracha |
| 27 ^a | 2h | 20/11 | Escrita do nome sem intervenção, leitura do cartaz silábico e escrita da sílaba “fa” | Folha sulfite, atividade impressa, cartaz de EVA, lápis e borracha. |

Fonte: Elaborada pela própria autora.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ANÁLISE

3.1 A construção social da maturidade

Quando se pensa no processo de envelhecimento, pode-se considerar que trata-se de uma etapa natural da vida. Mas para sua análise é preciso que se examine o contexto em que o envelhecimento do indivíduo ocorre, em diversas sociedades, espaços e épocas.

Atualmente, ainda não se sabe em qual momento da história da humanidade em que a velhice foi socialmente contextualizada. Sabe-se que o homem primitivo

estava sujeito a diversos perigos e fenômenos naturais, em que muitos morriam precocemente (entre 30 a 50 anos). Mais tarde, com a criação da agricultura, surgiram os primeiros sistemas de organização familiar, os quais eram liderados por um homem. Em um terceiro período, a religião integra-se à sociedade como forma de domínio a partir de um sistema de normas e valores. A história e o conhecimento eram repassados de geração a geração. Os filhos e as mulheres estavam sob a proteção e ao poder do patriarca, especialmente o ancião da família. Desse modo, a função do idoso era de manter a memória da história e por isso gozavam de uma posição de prestígio social (SANTIN; BOROWSKI, 2008).

Na Antiguidade, em Roma, o idoso exercia o papel de juiz e domínio social e econômico de sua família. Porém, se o idoso não possuía bens materiais que lhe garantissem o domínio, não era prestigiado nem na família nem em sua sociedade, não raro sendo abandonado. Vê-se, desse modo, que o abandono de idosos é algo muito antigo na história da humanidade. Já a partir da Revolução Industrial ocorre uma inversão de valores: a capacidade de produção de bens materiais se sobrepõe à valorização do valor humano. E, infelizmente, os idosos passam a serem excluídos, expulsos de suas famílias e abandonados (SANTIN; BOROWSKI, 2008).

O estigma e o desprestígio aos idosos chegou ao século XX de forma mais aguda, enquanto o jovem e o adulto e, sobretudo a criança, tornam-se mais valorizados por sua capacidade de produzir bens, gerar renda e consumir. No entanto, a partir dos anos 70, surgiram movimentos sociais para a luta pela dignidade dos idosos (SANTIN; BOROWSKI, 2008).

Conforme o Estatuto do Idoso, ou seja, pela lei 10.741 de 2003, trata-se de idoso qualquer pessoa acima dos 60 anos. Com o aumento da população idosa, o avanço da comunicação, da Medicina, da indústria farmacêutica, das políticas de saúde para prevenção e cuidado ao idoso, ocorre uma maior longevidade e qualidade de vida, enquanto a população jovem encolhe, com a redução no número de nascimentos. Hoje, não raro, os idosos são ainda responsáveis pelo cuidado e contribuem financeiramente ao cuidado de seus filhos e netos. Por isso, ao mesmo tempo que há uma desvalorização e preconceito à pessoa idosa na sociedade, há também uma redefinição em seu papel na sociedade e na família.

Assim sendo, considera-se que o envelhecimento humano é um movimento completo que afeta não apenas ao idoso, mas também às pessoas a sua volta e a sociedade como um todo. Estigmatizar pessoas que passam por essa fase da vida é

negar o futuro inevitável. Toda pessoa deve exigir ser tratada com dignidade e respeito independente de sua fase na caminhada da existência.

3.2 A representatividade dos idosos no Brasil

Conforme informações oficiais, diversos países estão em processo de transição e mudança em seu perfil populacional com uma tendência de queda das taxas de fertilidade, jovens e adultos e crescimento da população idosa. Estima-se que, o contingente de pessoas com mais de 60 anos deverá dobrar entre 2007 e 2050, alcançando 2 bilhões de idosos. O número de pessoas acima dos 80 anos deverá quadruplicar em quase 400 milhões até 2050 (BRASIL-a, 2019).

De acordo com estimativas, o número global de idosos, pessoas acima dos 60 anos poderão aumentar de 962 milhões, em 2017, para 1,4 bilhão, em 2030 e 2,1 bilhões, em 2050. Exceto a África, em todas as regiões do mundo haverá um quarto a mais de pessoas idosas. Em 2100, esse número poderá chegar até 3,1 bilhões (BRASIL-a, 2019).

Hoje população, acima dos 60 anos, aumenta sob uma taxa de 3% ao ano, ou seja, um crescimento mais rápido que entre os jovens, sendo a Europa com maior porcentagem de população (25%). Mundialmente, o número de pessoas acima dos 80 anos deverá triplicar em 2050 de 137 milhões, em 2017, para 425 milhões, em 2050. Porém, atualmente, cerca de 64% dos idosos vivem em regiões menos desenvolvidas no mundo e isso poderá chegar aos 80%, em 2050 (BRASIL-a, 2019).

Diante dessa realidade, o Plano de Ação Internacional de Viena sobre envelhecimento impõe aos países que empenhassem em políticas públicas que envolvem a qualidade de vida da população idosa e suas necessidades, tais como a saúde, a nutrição, as condições de habitação, bem-estar social, proteção, empregabilidade e, Educação. Já em 1991, houve a instituição de 18 direitos aos idosos como Princípio das Nações Unidas em Favor das Pessoas Idosas (BRASIL-a, 2019).

Dentre esses princípios (independência, participação, cuidado, autorrealização e dignidade), o princípio de autorrealização assim institui serem direitos dos idosos: 15. Aproveitar as oportunidades para o total desenvolvimento das suas potencialidades. 16. Ter acesso aos recursos educacionais, culturais, espirituais e de lazer da sociedade (BRASIL-a, 2019, p.1).

Desse modo, o direito ao acesso à Educação também é um dos direitos aos idosos, independente de seu nível de escolaridade ou se lhe foi negado em sua vida o direito à Educação.

No Brasil, aproximadamente 28 milhões de pessoas estão com idade acima dos 60 anos, o que representam 13% da população brasileira. Mas esse percentual tende a aumentar nas próximas décadas. Estima-se que em 2043 um quarto da população deverá ter mais de 60 anos, enquanto os jovens de até 14 anos serão de apenas 16,3%. A partir de 2047 a população deverá crescer o que aumentará o contingente de idosos no país. Essa relação entre a porcentagem de idosos e jovens é conhecida como índice de envelhecimento, o qual deverá crescer de 43,19%, em 2018, para 173,47% em 2060. (BRASIL-b, 2019).

Hoje, a expectativa de vida é de 76 anos de vida, enquanto estima-se que em 2060 poderá chegar aos 81 anos. Entende-se que, desde 1940 a expectativa de vida aumentou 30,5 anos. Quanto às condições de saúde na velhice cerca de 17,3% dos idosos apresentavam alguma limitação funcional para realização de atividades instrumentais de vida diária (AIVD), como por exemplo, fazer compras, administrar finanças, tomar remédios, utilizar meios de transporte e realizar trabalhos domésticos. No entanto essa proporção poderá aumentar para 39,2% entre as pessoas acima dos 75 anos (BRASIL-b, 2019).

Diante desse contexto, a sociedade brasileira deverá oferecer condições mínimas para que os direitos dos idosos sejam garantidos e respeitados. É preciso que também haja políticas de acesso à Educação e projetos culturais, que resgatem um direito que foi negado no passado.

3.3 A Educação e alfabetização na terceira idade em espaços não escolares

Diante as novas demandas e necessidades educacionais das novas gerações ao fim do século XX e início do século XXI, frente a uma sociedade da informação e do conhecimento, a questão da exclusão ainda não foi integralmente resolvida, especialmente em países em desenvolvimento, como o Brasil, marcado por intensa desigualdade social.

Tal desigualdade também é reproduzida em diversas instituições da sociedade, inclusive pela escola. Diante dessa realidade, Paulo Freire passou a lutar por uma

Educação Libertária, a partir da desconstrução dos mitos e erros da escola tradicional, a qual ele denominou como educação bancária.

Seu trabalho e sua obra contribuíram fundamentalmente, principalmente no que diz respeito à educação como ferramenta de enfrentamento da opressão, entre grupos marginalizados, especialmente entre adultos trabalhadores. Seu trabalho é pioneiro no Brasil e sua obra reconhecida internacionalmente. Portanto, seu pensamento tornou-se norteador para o planejamento e realização desta pesquisa no lar para idosos.

A partir da entrevista a onze (11) idosos, do lar escolhido, seus dizeres apontam a diversas questões que envolvem não apenas a educação para adultos na terceira idade, mas também sobre como o modelo de sociedade patriarcal afetou suas vidas, especialmente entre aqueles que viviam no campo durante a infância. São ainda apontadas questões relativas à disparidade de gênero e o efeito de um modelo tradicional que desconsiderava os alunos em suas diferenças, níveis e dificuldades de aprendizagem, conforme verifica-se na fala dos idosos entrevistados, quando questionados sobre sua infância e os motivos de não terem acesso à escola:

C: Eu fiquei 5 anos no 1º ano, depois passei para o 2º ano, aí minha mãe morreu e eu chorei muito. Eu era muito bom na conta mais na escrita não. Eu não estudava e a Professora brigava comigo. Aí não voltei, mais para escola, fui trabalhar em um açougue onde fiquei 23 anos trabalhando lá. Fui alfabetizado, mas não sei muito. Então fui aprendendo com a vida. Isso afetou minha vida porque não tive a oportunidade de arranjar um serviço melhor néh.

Identifica-se nesta fala a relação entre a escola opressora e bancária na figura do professor e a situação de opressão do aluno (o qual ficou retido 5 anos em uma mesma série pela sua dificuldade com a aquisição da leitura e escrita). Interpreta-se que esse modelo de ensino valoriza a apreensão dos conteúdos e desconsidera o fator psicológico do aluno, que com o falecimento da mãe ficou muito triste (“chorei muito”) e assume uma postura de incompreensão e autoritarismo “(...) a professora brigava comigo” como também em momento algum a escola busca identificar, compreender dificuldades de aprendizagem para solucioná-las.

Situação semelhante, em que a escola não propôs-se a lidar com dificuldades de aprendizagem para solucioná-las, mas intensificou a culpabilidade do aluno pelo fracasso escolar e evasão é relatada pelo idoso “D”:

D: Era pequeno e fui na escola, lá na Penha, fiquei 4 anos na escola. Eu ainda era pequeno quando cai da janela bati a cabeça aí fiquei ruim da memória. Mas aprendi a ler e escrever, aos poucos depois em casa mesmo.

Verifica-se que mesmo após o acidente, persistiu em aprender a ler a escrever, porém fora da escola, provavelmente por não ter apresentado o mesmo ritmo de aprendizagem que os demais alunos. Compreende-se que a escola, em sua posição autoritária, não considerava tais diferenças nos ritmos de aprendizagem, negando a heterogeneidade dos níveis de aprendizagens entre os alunos, a pretexto de que todos devessem atender a um perfil ideal esperado pela escola como aceitável.

Nas palavras de Freire, essa educação bancária se caracteriza por uma narrativa que envolve o professor e o aluno da seguinte forma:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quais mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos” tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Dessa maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são depositários e o educador o depositante (FREIRE, 1987, p. 37).

Esse despreparo da escola tradicional bancária para lidar com as diferenças e dificuldades de aprendizagem também é relatada pela idosa “H”:

H: Frequentei a escola com 5 anos de idade. Depois minha tia estava fazendo um bolo, e colocou na mesa, e ela não me deu e aí fiquei com água na boca e sai para fora, cheguei no terreiro de caso eu caí e desmaie e não vi mais nada, aí a finada minha mãe contou que viu e me levou em um médico de Ribeirão, chegamos lá o médico falou olha mãe essa pancada não vai sarar tão já não, vai demorar tempo, pois os acesso vão dá sempre nele e medicamento não tem pra esse acesso, mas minha mãe cuidou de mim e me curou. Então fui 5 anos na escola e não aprendi nada por causa desses acessos que eu tinha. Não fui alfabetizado. E isso afetou a minha vida porque nunca tive a oportunidade de ser alguém.

Os idosos “D” e “H” representam vivências, em que o aluno se culpa pelo fracasso da escola e faz lembrar Freire (1987) ao considerar que uma das características da opressão é a condição do oprimido muitas vezes não reconhecer-se como vítima de seu opressor, o que muitas vezes leva a uma condição de silenciamento. Diferente do idoso “C”, o qual reconhecia a relação opressor-oprimido (“a professora brigava comigo” e “fiquei 5 anos no primeiro ano”).

Outra relação entre opressor-oprimido ocorria na relação a um modelo familiar também opressor entre pais e filhos, especialmente na vida rural, em que muitos idosos foram impedidos de freqüentar a escola para trabalhar na agricultura familiar, como é possível verificar em quase todas as falas dos idosos entrevistados. Porém, um deles retrata o conflito entre o desejo da criança ir à escola e a decisão do pai em impedir o acesso sob a justificativa do trabalho:

E: Meu pai tirou eu da escola, colocou eu na roça para trabalhar, eu queria ir a escola até aprender o 4° ano néh, mas ele tirou eu logo no primeiro ano. Fui trabalhar na roça e fui aprendendo as coisas mais devagar néh, fui aprendendo assim sozinho, ler e escrever. Não fui alfabetizado. Isso afetou minha vida sim porque eu queria ler as coisas e não sabia o que estava escrito.

Esse relato aponta que o acesso à escola muitas vezes envolve não apenas uma relação autoritária entre escola-professor-aluno, mas também reproduz uma cultura familiar que tem sua herança no patriarcado, em que o pai é o líder da família e jamais deverá ser questionado em suas decisões.

Esse desejo oprimido da criança em frequentar a escola e a decisão da família em não mais frequentar a escola, sob a justificativa do trabalho muito precoce também representa uma sociedade rural que acreditava apenas no preparo para vida pelo trabalho e não pela escola:

K: Nos, morávamos no sitio e naquela época a gente não podia ir a escola, fui até o 3° ano só. Cresci um mulecão burro. Quando eu era pequeno já trabalhava com 7 anos de idade, meu pai levava eu pra roça e não voltei mas para a escola depois daí.

Outra consequência do modelo patriarcal de sociedade também envolve a questão de gênero, em que as mulheres eram ainda mais oprimidas. Era comum a crença de que os pais não necessitassem em investir na alfabetização das filhas, uma vez que se tornariam restritas ao ambiente doméstico, à criação de filhos e não raro ao trabalho na agricultura familiar. Em sua maioria, seu destino era selado com o casamento, muitas vezes precoce, e seu trabalho limitado ao cenário doméstico, como aponta a idosa F:

F: Minha infância foi boa porque meu pai era muito bom e minha mãe também. Meu pai tinha dois sítios separados, daí a gente nasceu no sítio isso eu me lembro. Minha mãe teve 6 filhos. Frequentei a escola até o 4° ano minha mãe colocou eu na escola com 6 anos de idade. Sou alfabetizada. Isso afetou minha vida ter parado porque comecei namorar cedo aí minha mãe pedia para meu namorado comprar as alianças, aí ele perguntou se eu queria fugir. Aí fugi com ele, casei e foi só sofrimento. Assim não gosto de falar assim porque tive meus filhos hoje tenho meus netos, mas não tive muita oportunidade na vida.

A mesma opressão relacionada ao gênero também surge no dizer da idosa “I”, quando relembra que:

I: Eu estudei o 1º ano passei, o 2º passei, o 3º passei. Agora eu tinha uma letra que dava gosto de ver, eu tinha aquela vontade de escrever, sabe de fazer as coisas, e saia tudo bonito parecia até que a professora tinha feito. Aí quando terminei o 3º ano eu falei para meu pai que queria fazer o 4º ano ele falou assim: para que? Para fritar ovo não precisa de 4º ano. Porque a minha ideia era assim continua estudando para eu conseguir me formar em enfermagem. Ele não deixou eu ir, eu fiquei chorando, meus irmãos foram e eu não fui. Eu tenho esse sentimento até hoje, quando via os outros irem a escola dava uma vontade de ir que só vendo. Os meninos podiam ir a escola e só eu tinha que ficar cuidando da casa, aprendi com 10 anos a lavar, passa e fazer comida. Eu tinha certeza que não ia repetir, porque essa vontade saía dentro de mim. Fui alfabetizada. Isso afetou minha vida, porque se eu tivesse continuado tinha passado de ano e não tinha sofrido, porque eu tenho certeza que eu ia arrumar um emprego bom.

A: Ah eu tinha escola, escrever eu fui até o 3º ano, do 3º ano para cá afastei da aula e pronto. Tive que sair cedo da escola para trabalhar na roça com meu pai, depois disso não sei mas o que é escola. Fui alfabetizado, a parte de ler eu sei quase tudo, mas os detalhes você sabe passa tempo, passa tempo, a gente vai esquecendo das palavras. Então conta mesmo se você der uma conta de somar eu faço.

B: Ah de moleque eu morava no Paraná, fui até a primeira ano, tive que sair para trabalhar na roça. Não fui alfabetizado fui aprendendo sozinho com a vida a ler algumas palavras, fazer conta. (Risos).

Sabe-se que na história do Brasil, o acesso à educação é algo muito recente. Por muitos séculos, a chance de frequentar uma escola e completar a escolaridade era vista como um privilégio de pessoas da elite, enquanto a maioria da população não tinha acesso à escola ou não completava sua escolaridade porque as famílias já traçavam o destino de seus filhos os destinando à mão-de-obra para agricultura, modelo econômico que predominou por muito tempo.

É nesse contexto de opressão que hoje, aqueles que são idosos, quando crianças foram forçados a abandonar a escola para contribuírem economicamente para o sustento de famílias numerosas. Muitos, assistiram e sofreram os efeitos da exclusão, em um mundo cada vez mais dominado pela informação, pelo conhecimento e pelo avanço vertiginoso das novas tecnologias. Por isso, muitos ainda alimentam o sonho de aprenderem a ler e a escrever. Nota-se ainda que, conforme as falas de “A” e “C” a maior dificuldade refere-se aos processos de aquisição da leitura e escrita, enquanto havia maior facilidade com Matemática.

Vale ressaltar que a Educação de Jovens e Adultos acolhe alunos com a finalidade de aceleração da aprendizagem e correção idade-série, mas são turmas muito heterogêneas compostas por pessoas em diversas faixas etárias. No entanto pessoas idosas contam com um grande repertório de vivências, experiências e

saberes como também objetivos específicos desta fase da vida, como por exemplo, a busca pelo desenvolvimento de novas habilidades e competências para seu desenvolvimento humano e pessoal, autonomia e vida prática e não meramente para formação e inserção no mercado de trabalho. Em outras palavras, a pessoa madura busca também seu direito como cidadã na sociedade em que vive.

Conforme o relato dos idosos, quando questionados sobre qual a motivação para participarem do projeto de alfabetização no lar, um dos motivos que mais se contrapõe às respostas sobre os motivos que os fizeram evadir diz respeito ao relacionamento e afetividade com a professora:

A: Você sabe como que é néh um chama outro chama então nos motiva ver as pessoas interessadas em ajudar a gente. Gosto muito das aulas da Professora também, você é muito boa para mim graças a Deus. Deus te abençoe.

B: O que me motivou foi sua presença aqui com a gente.

K: Ah eu conheci você aqui deu vontade de ir na aula e fui para ver se consigo aprender um pouco. Vim para aprender, respeitar os outros, pegar educação depois de veio.

Verifica-se que a afetividade entre professor-aluno e aluno-professor é muito importante no processo de ensino, não apenas com crianças, mas também com idosos. Nesse sentido, a Pedagogia Social se torna um importante referencial.

É diante dessa necessidade, que a Pedagogia Social se faz importante. Essa ciência nasceu como uma disciplina na Alemanha, recém industrializada no século XIX. Em síntese, a Pedagogia Social tem como missão desconstruir situações de exclusão e dar autonomia e equidade a pessoas em condições de vulnerabilidade social. Uma de suas características é levar e promover a educação em espaços da sociedade, fora da escola, como por exemplo em instituições de permanência a idosos, como propõe esta pesquisa (BAPTISTA, 2008).

Por isso, julgamos que trata-se de uma importante ciência que pode contribuir muito para a Educação Brasileira na contemporaneidade como também pela atuação do profissional com formação para Educador Social. Conforme as falas dos idosos, observa-se que o fato do ensino se deslocar até o local de vivência dos alunos, ultrapassando os muros da escola, torna-se também um aspecto importante para o comprometimento e permanência dos idosos às aulas do projeto.

Nesse contexto de Educação com idosos e seus objetivos e necessidades educativas, defende-se que o método andragógico poderá contribuir para o

desenvolvimento desse perfil de aluno, em situação de exclusão social. Em linhas gerais, o termo Andragógico (que é centrado no adulto) opõe-se ao termo Pedagógico (que é centrado na criança).

Esse método para educação na maturidade, defendido por Knowles, a partir da década de 1980, difere da forma de ensinar crianças e adolescentes. A Andragogia parte do princípio de que o aluno adulto precisa estar ciente do porquê se trabalhar determinado conteúdo e quais habilidades serão desenvolvidas para facilitar sua vida cotidiana. Os alunos na idade madura necessitam de dar um sentido à aprendizagem, antes do processo começar. São alunos com diversificado conhecimento e grande repertório, o que estimula a relação entre professor-aluno pautada na troca de experiência em que todos ganham e se transformam a partir da contribuição do outro. O aluno assume uma postura participativa e ativa do processo de aprendizagem (BEVILAQUA, 2011).

Outra justificativa importante expressa pelos idosos do projeto é o desejo de aprender coisas novas, ao considerarem o aprender como algo muito positivo:

C: Eu queria porque é muito bom aprender.

E: Ah porque quero aprender a ler e escrever outras coisas que não sei.

Outros ainda veem sua participação como uma nova oportunidade de ter acesso à aprendizagem da leitura, escrita e demais conteúdos como parte da realização de um sonho que lhes foi negado pela vida:

D: O motivo para está aqui e pra aprender o que não pude um dia.

H: O motivo é de estar realizando um grande sonho de aprender.

I: Porque eu gostei de mais, quando sentei o primeiro dia na aula, lembro como se fosse meu primeiro dia na escola.

Alguns relacionam a oportunidade de participarem do projeto atraídos pela sociabilidade e interação com os demais ou incentivados pelo convite para participarem do projeto:

F: Porque assim não gosto de ficar no quarto fechada eu nem deito de dia. Então vocês me chamaram e eu vim fazer parte das aulas .

G: Fui escolhida para fazer parte das aulas juntos com meus amigos do lar.

J: o motivo e que eu quero a prender, porque eu ao sabia nada agora eu sei as letras do alfabeto.

Portanto, o educador social deverá ter em vista em seu trabalho é proporcionar e lutar por uma educação que não centra-se apenas no saber fazer, mas também no aprender a conhecer (aprender a aprender), no aprender a viver e a cooperar com o outro e aprender a ser (para desenvolver a capacidade de autonomia sem negligenciar a importância da memória, do raciocínio, do senso estético, das capacidades físicas e da aptidão para comunicar-se) (BEVILAQUA, 2011).

3.4 A realização do projeto e seu impacto à vida dos idosos

Sob a perspectiva da Pedagogia Social e da Andragogia, o educador social deverá ter em vista em seu trabalho é proporcionar e lutar por uma educação que não centra-se apenas no saber fazer, mas também no aprender a conhecer (aprender a aprender), no aprender a viver e a cooperar com o outro e aprender a ser (para desenvolver a capacidade de autonomia sem negligenciar a importância da memória, do raciocínio, do senso estético, das capacidades físicas e da aptidão para comunicar-se) (BEVILAQUA, 2011).

Portanto dentre as características do método andragógico, o auxiliador da aprendizagem e o aprendiz, não somente o professor, elaboram o plano de aprendizagem, como também realizam juntos o diagnóstico de necessidades; a partir da negociação mútua estabelecem objetivos; são utilizados diversos planos de aprendizagem, tais como projetos, planos, contratos; as técnicas de ensino e aprendizagem são ativas e experienciais e não apenas transmissivas; a avaliação é feita pelo aprendiz, sob a referência de critérios, com validação de seus pares (NOGUEIRA, 2004).

Knowles elaborou ainda o ciclo andragógico, que descreve a prática pedagógica com foco em problemas dos alunos, na planificação e aplicação de projetos, a partir das seguintes etapas:

1. Estabelecer um clima conducente à aprendizagem;
2. Criar mecanismos para planificação mútua;
3. Diagnosticar as necessidades de aprendizagem;
4. Formular objetivos programáticos que satisfaçam as necessidades identificadas;
5. Elaborar um plano de experiências de aprendizagem;
6. Conduzir as experiências de aprendizagem com técnicas e materiais adequados;
7. Avaliar os resultados da aprendizagem e rediagnosticar as necessidades de aprendizagem (NOGUEIRA, 2004, p.7)

Assim sendo, destaca-se que o ponto mais importante é a construção de um clima de informalidade, conforto, segurança, respeito, confiança, alegria, bom-humor, amizade e afetividade, especialmente quando se trata de idosos em situação de institucionalização. É a partir da construção do clima que a motivação para a aprendizagem torna-se possível.

Quanto à criação de mecanismos de planificação mútua envolver o idoso na tomada de decisão de várias ações que conduzem ao seu crescimento contribui para sua autoestima e valorização de sua contribuição, uma vez que essa é uma freqüente queixa dos idosos: ter sua opinião e vivência desconsideradas pelos outros, culminando em um triste silenciamento de sua voz.

O diagnóstico também colabora para que o aprendente tenha em vista competências que deseja desenvolver e o caminho que poderá ser traçado para atingi-las.

A partir dos objetivos poderá ser elaborado o plano de aprendizagem, conforme áreas de problemas, junto de conteúdos que se julgam serem necessários serem trabalhados. Os alunos poderão ainda serem convidados a superarem seus desafios por meio de um contrato de aprendizagem, sobre o que será aprendido, como e quando. Assim, os alunos também poderão se autoavaliarem a cada momento sobre seus avanços e pontos a serem ainda superados.

Verifica-se que a professora participante do projeto considerou importante atividades que envolvem a afetividade. Assim sendo, relembrem-se o pensamento de um importante pesquisador, que considerava não apenas a inteligência cognitiva, como também a afetividade ao desenvolvimento pleno do ser humano: Henry Wallon.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Santin e Borowski (2008) abrem essa discussão histórica sobre o papel dos idosos na sociedade ocidental. Verifica-se que desde a Antiguidade o idoso era reconhecido como um líder familiar, uma referência de tradição e memória da história familiar. Era o guardião da sabedoria acumulada por gerações. No entanto, após a Revolução Industrial ocorre uma inversão de valores, pois sendo o indivíduo valorizado pelo seu poder econômico e capacidade de produzir riqueza, tornou-se comum associar a velhice à rejeição, a perda da autonomia e a desvalorização de seu saber. A partir do relato dos idosos, verificou-se que uma infância marcada pelo poder de decisão do pai, então líder familiar, em prosseguir ou não com os estudos.

Para Wallon (2014) o desenvolvimento da cognição, da motricidade, mas também da afetividade se tornam importantes para o sucesso do ensino-aprendizagem. Conforme verificou-se pelos relatos dos idosos, alguns expressaram que o principal motivador para participarem do projeto e a aprenderem a ler e a escrever foi o bom relacionamento com a professora;

Para Wallon, o desenvolvimento humano se dá a partir da atuação de vários campos funcionais durante a atividade humana, uma vez que a aprendizagem deve ser contextualizada em seu ambiente. Para o desenvolvimento humano da personalidade envolve-se a junção entre ambientes físicos e sociais. A personalidade integra duas funções principais: a afetividade e a inteligência. O indivíduo nasce social e aos poucos individualiza-se em seu desenvolvimento (LUIZ et. al., 2014).

A contribuição de Wallon torna-se importante, ao integrar a afetividade junto da inteligência. Assim pressupõe que tanto o ato de ensinar, quanto de aprender perpassam pela afetividade dos indivíduos envolvidos: aluno e professor. Acredita-se que, com a construção de um ambiente propício ao diálogo, à comunicação, com o respeito às diferenças, o ensino e aprendizagem podem acontecer de forma real na escola. A afetividade é um aspecto muito importante no desenvolvimento dos indivíduos seja na escola ou fora dela.

O ensino-aprendizagem envolve a afetividade, motricidade e inteligência também aponta para o trabalho com a emoção, uma vez que exerce grande influência no estabelecimento de vínculos afetivos (LUIZ et. al., 2014).

Nesse planejamento das atividades, a partir do diagnóstico realizado inicialmente, verificou-se a necessidade em se trabalhar a partir da construção dos laços de

afetividade, como também a partir de atividades que desenvolvessem a coordenação motora fina. Assim, pode-se verificar que afetividade, motricidade e cognição caminham juntas no processo de alfabetização de pessoas acima dos 60 anos.

Quando questionados sobre como se autoavaliavam tendo em vista sua participação no projeto e importância de aprender a ler e a escrever, dois idosos reconhecem a importância da afetividade com a professora:

H: Estou indo bem graças a Você que está aqui ensinando a gente néh. É muito importante aprender, porque a chance que eu tinha ficou lá atrás agora tendo a oportunidade de aprender e muito bom.

K: Estou indo bem graças a Deus e a você. Para mim esta sendo muito bom aprender ler e escrever, a gente aprende depois deveio néh (risos)

Outros, além de considerarem a afetividade como algo importante à aprendizagem da leitura e da escrita, também revelam problemas de autoestima que a pouca escolaridade reproduz, fruto de uma sociedade onde há muito preconceito e oferece poucas oportunidades a pessoas com baixa escolaridade:

A: Muito bom, porque a gente que por sentido naquelas coisas que a professora está ensinando. É bom pra gente se animar um pouco e para não ser burro néh (risos)

G: Muito bom. Porque sempre gostei de ler escrever e é muito bom viver isso de novo né. É importante para viver uma vida digna de entender o que as pessoas estão falando.

I: Estou indo muito bem, porque eu sei o que estou fazendo. É importante porque onde você chega, você não é burro, você entendi tudo e a pessoa que não sabe ler passa por um burro, passa vergonha, passa por tudo. Ainda as pessoas dão risadas por de trás.

Outros consideram ainda importante aprender a ler e a escrever por manterem a cognição ativa:

C: Estou indo muito bem. É importante ler e aprender pra fortalecer a mente.

F: Estou indo muito bem. É importante aprender mas do que a vida nos ensinou néh (Risos) fortalece a mente da gente é muito bom as aulas

Outros consideram importante aprenderem algo novo, assim como a leitura e a escrita serem importantes a eles movidos pela curiosidade:

B: Vou falar para você eu até gosto. A gente passa umas horas lendo, escrevendo, fazendo conta néh e muito bom isso, e me sinto muito feliz em aprender.

D: É bom! Porque eu gosto de ler e é muito importante pra mim.

E: Muito bem porque a gente gosta também néh de aprender e isso é importante para minha vida.

J: acho que estou indo bem viu, porque sei até ler as letras. É importante sim, porque a gente aprende o que não sabe néh.

Para tanto, concorda-se que os professores deverão se comprometer com a curiosidade dos alunos em aprender coisas novas, sem negar-lhes o direito de conhecer, questionar, refletir sobre temas diversos. Nesse sentido:

O bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo à custa de sua prática mesma que sua curiosidade como sua liberdade deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício. Limites eticamente assumidos por ele. Minha curiosidade não tem o direito de invadir a privacidade do outro e expô-la aos demais (FREIRE, 1996, p. 44).

A partir da afetividade, o trabalho pautou-se na construção dos laços de confiança entre os sujeitos, como também na importância do diálogo, dando voz e vez aos sujeitos em pesquisa.

Enquanto o educador-bancário assume uma postura autoritária e silenciadora dos alunos, estando receptivo apenas à memorização e reprodução de informações como se fossem verdades prontas, o educador libertário reconhece a importância de uma educação dialógica (FREIRE, 1987).

Diante disso, concorda-se que o importante é a luta dos oprimidos para se fazer superar a contradição em que se encontram. Essa superação não significa a troca de papéis entre opressor e oprimido, mas sim o processo de libertação dos indivíduos nesses papéis. Sua luta refere-se ao fazer-se homem no decorrer de uma história em que esse indivíduo estava proibido de ser (FREIRE, 1987).

No caso dos idosos, a opressão iniciou na proibição do direito de freqüentar a escola e aprender a ler e a escrever, sob a justificativa do trabalho, como também no decorrer da vida, com as poucas chances que o próprio mundo do trabalho oferece ao trabalhador em superar a barreira do analfabetismo. Na sociedade patriarcal como também a capitalista, os indivíduos são classificados a desempenhar papéis específicos sem contribuir à oportunidades de superação de seus limites.

Isso tornou-se possível com a realização deste projeto de forma a contribuir para a superação de um direito negado aos idosos em sua infância, em um momento em que o modelo da escolarização bancária, uma sociedade com fortes raízes no patriarcado.

Já Paulo Freire (1987; 1996) defende um aspecto também importante que ultrapassa o ponto de vista meramente cognitivo, ou seja, a identificação dos jogos de poder entre opressor e oprimido, a dimensão política da educação de adultos a partir de uma educação dialógica. A partir do relato dos idosos sobre os motivos de evadirem na escola ainda crianças, diversos matizes da opressão se revelaram, tais como a relação entre criança e trabalho, a disparidade de gênero, as relações sociais e familiares autoritárias, os efeitos das raízes da sociedade patriarcal que ainda marcam a sociedade brasileira.

Portanto, Baptista (2008), Bevilacqua (2011) e Nogueira (2014) defendem que a Pedagogia Social e Andragogia abrem caminho para uma importante forma de educar grupos marginalizados ou em outros espaços, como asilos, hospitais, assentamentos dentre outros. Embora ainda sejam recentes na esfera da Educação, com o grande contingente de idosos em gerações futuras e o avanço da luta pelos direitos dos idosos, a tendência será em mais experiências como essas se tornem mais frequentes e preparem os profissionais da Educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da participação como pesquisadora e professora no projeto de alfabetização de idosos institucionalizados desenvolvido pela FASAR, pode-se compreender, a partir das entrevistas, que a maioria dos idosos interrompeu seus estudos ainda crianças em decorrência do trabalho na agricultura familiar. Outros ainda abandonaram a escola por problemas de aprendizagem não solucionados por uma educação bancária em que o professor não estava preparado para identificar tais problemas e oferecer soluções. Esse modelo de educação impunha a tentativa de homogeneizar turmas de forma a exigir que todos tivessem o mesmo desempenho sendo avaliados a partir de um aluno-modelo-padrão. Essa realidade revela não apenas um modelo de educação que pouco contribui à aprendizagem e autonomia dos indivíduos, como também revela questões mais profundas como os jogos de

poderes na sociedade e nas instituições como a escola e a família em um movimento entre opressores e oprimidos. Outra questão posta diz respeito à disparidade de gênero, em que as mulheres tinham ainda menos oportunidades de serem alfabetizadas pois as famílias se preocupavam em prepará-las para o casamento e uma vida no ambiente doméstico. Mas em todos os entrevistados ressaltaram que foram tirados da escola pela família para entrar no mundo do trabalho na agricultura familiar, mas desejavam continuar a frequentar a escola e a aprenderem a ler e a escrever. Também reconheceram que o domínio da leitura e da escrita é muito importante à vida prática e que sua ausência impôs diversos limites em suas vidas. Agora, na terceira idade, sentiram-se motivados em terem uma nova oportunidade de adentrar em um mundo novo, cheio de possibilidades. Verificou-se, com professora, que o papel da afetividade com os alunos idosos é de fundamental importância, como também a prática pedagógica centrada no diálogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. A de. **Etnografia de prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

BAPTISTA, I. Pedagogia social: uma ciência, um saber profissional, uma filosofia de ação. In: BAPTISTA, I. **Cadernos de Pedagogia Social II**. 2008. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38206878/CPSocial02.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DSituacoes_de_risco_jovens_sem_projeto_de.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20191009%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20191009T172150Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=4d9284bb8bf1c4e555e2d676c6c391bb46b0f4703befdab93858d37f5187dcfc#page=9> Acesso em: 07 de outubro de 2019.

BEVILAQUA, M. **A arte de ensinar jovens e adultos no modelo andragógico**.

[2011] Disponível em:

<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1774/1/MD_PROEJA_2012_IV_15.PDF> Acesso em: 01 de outubro de 2019.

BRASIL-a, Organização das Nações Unidas no Brasil, **a ONU e as pessoas idosas**.

Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/>> Acesso em: 07 de setembro de 2019.

BRASIL-b, **Agência IBGE notícias, idosos indicam caminhos para uma melhor idade**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade>> Acesso em: 07 de setembro de 2019.

BRASIL, **Lei 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível

em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 09 de outubro de 2019.

BRASIL, **Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003**. Estatuto do Idoso. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm> Acesso em: 10 de novembro de 2019.

EM 2030 o Brasil terá a quinta população mais idosa do mundo. Jornal da USP.

Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/em-2030-brasil-tera-a-quinta-populacao-mais-idosa-do-mundo/>> Acesso em: 07 de setembro de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado e dissertação de mestrado, trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 2018.

LUDKE, M e ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação, abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUIZ, Jéssica M. M.; SANTOS, Ana C. B.; ROCHA, Francielli F. da.; ANDRADE, Soraia C. de.; REIS, Yara G. **As concepções de jogos para Piaget, Wallon e Vygotski**. 2014. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd195/jogos-para-piaget-wallon-e-vygotski.htm>> Acesso em: 05 de novembro de 2019.

NOGUEIRA, S. M. **A andragogia: que contributos para a prática educativa?** 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1226>> Acesso em: 02 de outubro de 2019.

OLIVEIRA, Iara D. de. **O jogo na perspectiva de Wallon: pensamento introdutório**. 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/5853/20476>>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

SANTIN, J. R.; BOROWSKI, M. Z. **O idoso e o princípio constitucional da dignidade humana**. RBCEH, Passo Fundo, v. 5, n. 1, p. 141-153, jan./jun. 2008. Disponível em: <seer.upf.br/index.php/rbceh/article/viewFile/261/196> Acesso em: 3 de setembro de 2019.

SEVERO, J. L. R. D. L. **Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000300561> Acesso em: 24 de novembro de 2019.

SILVA, M. O. D. S. **Refletindo a pesquisa participante**. São Paulo: Cortez, 1986.

ANEXOS

Entrevistas – coleta de dados

1 – Reconhecemos a importância da escrita durante o desenvolvimento humano. Por favor, nos conte como foi sua infância, se frequentou ou não a escola, se foi alfabetizado e como isso afetou sua vida.

A: Ah eu tinha escola, escrever eu tinha até o 3º ano, do 3º ano para cá afastei da aula e pronto. Tive que sair cedo da escola pra trabalhar na roça com meu pai, depois disso não sei mas o que é escola. Fui alfabetizado, a parte de ler eu sei quase tudo, mas os detalhes você sabe passa tempo, passa tempo, a gente vai esquecendo das palavras. Então conta mesmo se você der uma conta de somar eu faço.

B: Ah de moleque eu morava no Paraná, fui até a primeira ano, tive que sair para trabalhar na roça. Não fui alfabetizado fui aprendendo sozinho com a vida a ler algumas palavras, fazer conta. (Risos).

C: Eu fiquei 5 anos no 1º ano, depois passei para o 2º ano, aí minha mãe morreu e eu chorei muito. Eu era muito bom na conta mais na escrita não. Eu não estudava e a Professora brigava comigo. Aí não voltei mais para escola, fui trabalhar em um açougue onde fiquei 23 anos trabalhando lá. Fui alfabetizado, mas não sei muito. Então fui aprendendo com a vida. Isso afetou minha vida porque não tive a oportunidade de arenga um serviço melhor né.

D: Era pequeno e fui na escola, lá na Penha, fiquei 4 anos na escola. Eu ainda era pequeno quando cai da janela bati a cabeça aí fiquei ruim da memória. Mas aprendi a ler e escrever, aos poucos depois em casa mesmo.

E: Meu pai tirou eu da escola, colocou eu na roça para trabalhar, eu queria ir a escola até aprender o 4º ano né, mas ele tirou eu logo no primeiro ano. Fui trabalhar na roça e fui aprendendo as coisas mais devagar né, fui aprendendo assim sozinho, ler e escrever. Não fui alfabetizado. Isso afetou minha vida sim porque eu queria ler as coisas e não sabia o que estava escrito.

F: Minha infância foi boa porque meu pai era muito bom e minha mãe também. Meu pai tinha dois sítios separados, daí a gente nasceu no sítio isso eu me lembro. Minha mãe teve 6 filhos. Frequentei a escola até o 4º ano minha mãe colocou eu na escola com 6 anos de idade. Sou alfabetizada. Isso afetou minha vida ter parado porque comecei namorar cedo aí minha mãe pedia para meu namorado comprar as alianças, aí ele perguntou se eu queria fugir. Aí fugi com ele, casei e foi só sofrimento. Assim não gosto de falar assim porque tive meus filhos hoje tenho meus netos, mas não tive muita oportunidade na vida.

G: Sempre gostei de escola, fui desde pequena até o colegial. Aí o Papai não tinha dinheiro para pagar uma faculdade fora, então parei Ali e não fiz estadual. Fui alfabetizada (Risos). Não afetou minha vida porque como eu sabia ler eu ia aonde eu queria e tudo.

H: Frequentei a escola com 5 anos de idade. Depois minha tia estava fazendo um bolo, e colocou na mesa, e ela não me deu e aí fiquei com água na boca e sai para fora, cheguei no terreiro de caso eu caí e desmaie e não vi mais nada, aí a finada minha mãe contou que viu e me levou em um médico de Ribeirão, chegamos lá o médico falou olha mãe essa pancada não vai sarar tão já não, vai demorar tempo, pois os acesso vão dá sempre nele e medicamento não tem pra esse acesso, mas minha mãe cuidou de mim e me curou. Então fui 5 anos na escola e não aprendi nada por causa desses acessos que eu tinha. Não fui alfabetizado. E isso afetou a minha vida porque nunca tive a oportunidade de ser alguém.

I: Eu estudei o 1º ano passei, o 2º passei, o 3º passei. Agora eu tinha uma letra que dava gosto de ver ,eu tinha aquela vontade de escrever, sabe de fazer as coisas, e saia tudo bonito parecia até que a professora tinha feito. Aí quando terminei o 3º ano eu falei para meu pai que queria fazer o 4º ano ele falou assim: pra que? Pra fritar ovo não precisa de 4º ano. Porque a minha ideia era assim continua estudando para eu conseguir forma em enfermagem. Ele não deixou eu ir, eu fiquei chorando, meus irmãos foram e eu não fui. Eu tenho esse sentimento até hoje, quando via os outros irem a escola dava uma vontade de ir que só vendo. Os meninos podiam ir a escola e só eu tinha que ficar cuidando da casa, aprendi com 10 anos a lavar, passa e fazer comida. Eu tinha certeza que não ia repetir, porque essa vontade saia dentro de mim. Fui alfabetizada. Isso afetou minha vida, porque se eu tivesse continuado tinha passado de ano e não tinha sofrido, porque eu tenho certeza que eu ia arrumar um emprego bom.

J: Fui a escola até o 3º ano. Eu morava com uma mulher que me dava de tudo. Eu sai da escola porque eu não quis continuar, porque eu trabalhava na roça e não tinha mas vontade de ir a escola. Não fui alfabetiza. Isso me prejudicou porque olha onde eu estou na cadeira de roda sem poder fazer nada da vida.

K: Nos, morávamos no sítio e naquela época a gente não podia ir a escola, fui até o 3º ano só. Cresci um mulecão burro. Quando eu era pequeno já trabalhava com 7 anos de idade, meu pai levava eu pra roça e não voltei mas para a escola depois daí.

2 – Qual foi sua motivação para participar deste projeto de alfabetização no lar?

A: Você sabe como que é néh um chama outro chama então nos motiva ver as pessoas interessadas em ajudar a gente. Gosto muito das aulas da Professora também, você é muito boa para mim graças a Deus. Deus te abençoe.

B: O que me motivou foi sua presença aqui com a gente.

C: Eu queria porque é muito bom aprender.

D: O motivo pra está aqui e pra aprender o que não pude um dia.

E: Há porque quero aprender a ler e escrever outras coisas que não sei.

F: Porque assim não gosto de ficar no quarto fechada eu nem deito de dia. Então vocês me chamaram e eu vim fazer parte das aulas .

G: Fui escolhida pra fazer parte das aulas juntos com meus amigos do lar.

H: O motivo é de estar realizando um grande sonho de aprender.

I: Porque eu gostei de mais, quando sentei o primeiro dia na aula, lembro como se fosse meu primeiro dia na escola.

J: o motivo e que eu quero a prender, porque eu ao sabia nada agora eu sei as letras do alfabeto.

K: Ah eu conheci você aqui deu vontade de ir na aula e fui para ver se consigo aprender um pouco. Vim para aprender, respeitar os outros, pegar educação depois de veio.

3- Como o/a Senhor/a avalia sua participação no projeto? Por que foi importante aprender a ler e escrever atualmente?

A: Muito bom, porque a gente que por sentido naquelas coisas que a professora está ensinando. É bom pra gente se animar um pouco e pra não ser burro néh (Risos)

B: Vou falar para você eu até gosto. A gente passa umas horas lendo, escrevendo, fazendo conta néh e muito bom isso, e me sinto muito feliz em aprender.

C: Estou indo muito bem. É importante ler e aprender para fortalecer a mente.

D: É bom! Porque eu gosto de ler e é muito importante para mim.\

E: Muito bem porque a gente gosta também néh de aprender e isso é importante pra minha vida.

F: Estou indo muito bem. É importante aprender mas do que a vida nos ensinou né (Risos) fortalece a mente da gente é muito bom as aulas

G: Muito bom. Porque sempre gostei de ler escrever e é muito bom viver isso de novo néh. É importante para viver uma vida digna de entender o que as pessoas estão falando.

H: Estou indo bem graças a Você que está aqui ensinando a gente néh. É muito importante aprender, porque a chance que eu tinha ficou lá atrás agora tendo a oportunidade de aprender e muito bom.

I: Estou indo muito bem, porque eu sei o que estou fazendo. É importante porque onde você chega, você não é burro, você entendi tudo e a pessoa que não sabe ler passa por um burro, passa vergonha, passa por tudo. Ainda as pessoas dão risadas por de trás.

J: acho que estou indo bem viu, porque sei até ler as letras. É importante sim, porque a gente aprende o que não sabe néh.

K: Estou indo 10 graças a Deus e a você. Para mim esta sendo muito bom aprender ler e escrever, a gente aprende depois deveio néh (risos)

Figura 1



Figura 2

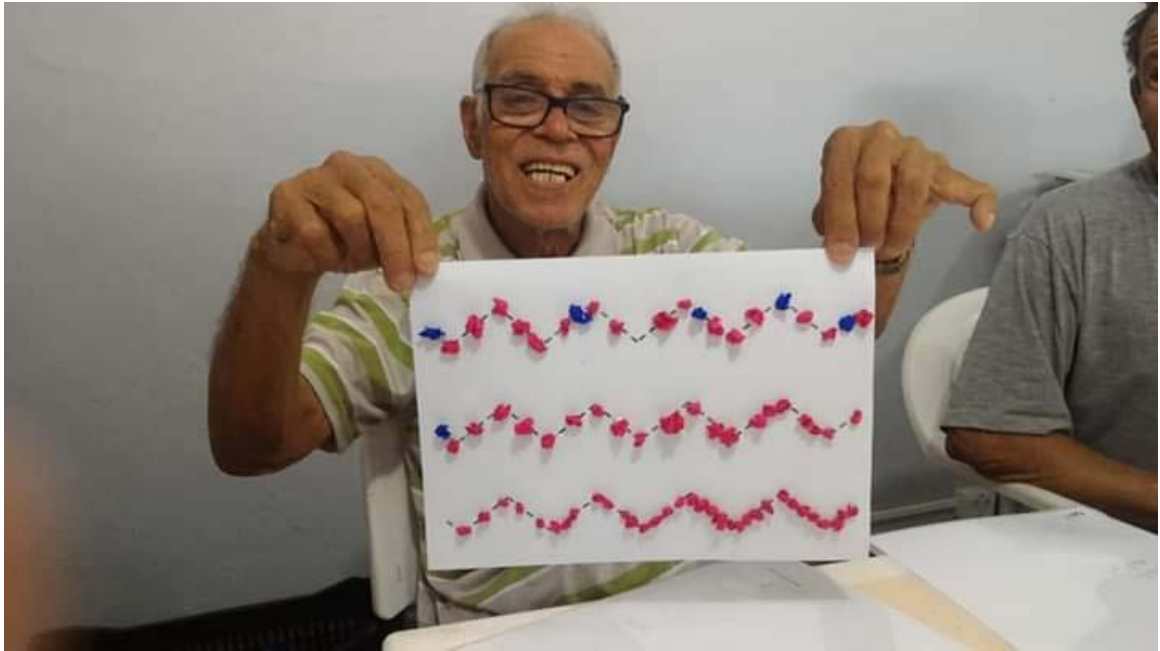


Figura 3

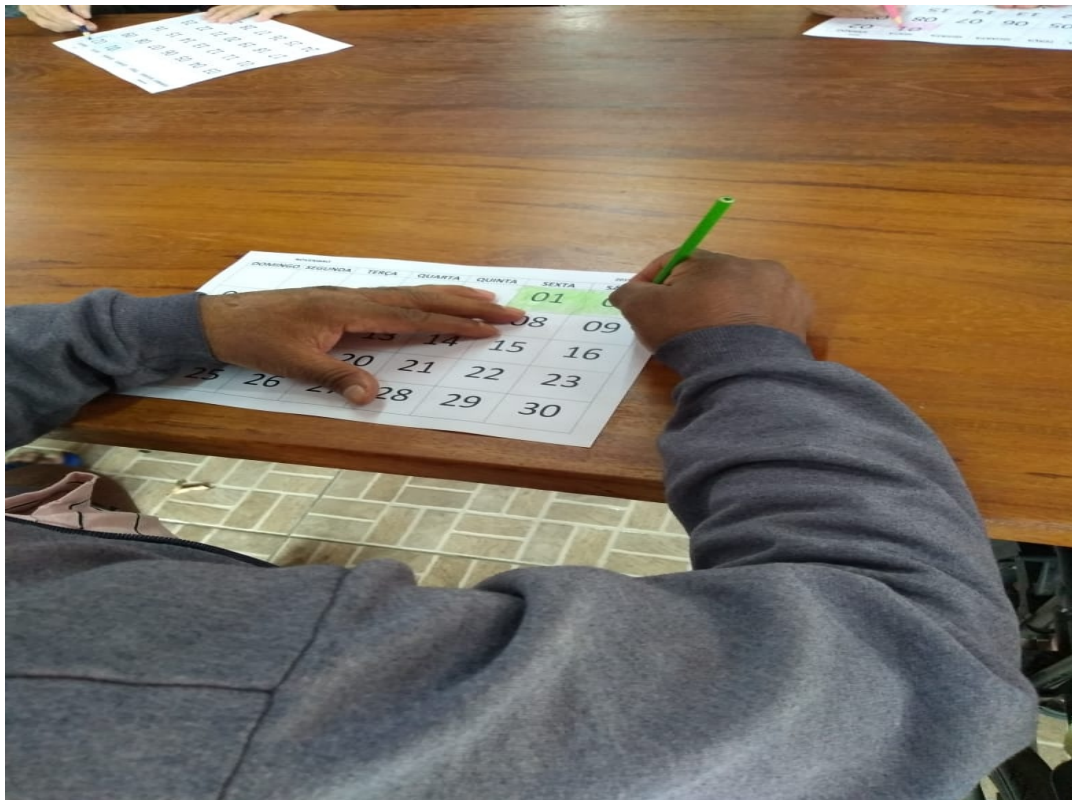


Figura 4



Figura 5



Figura 8



Figura 9

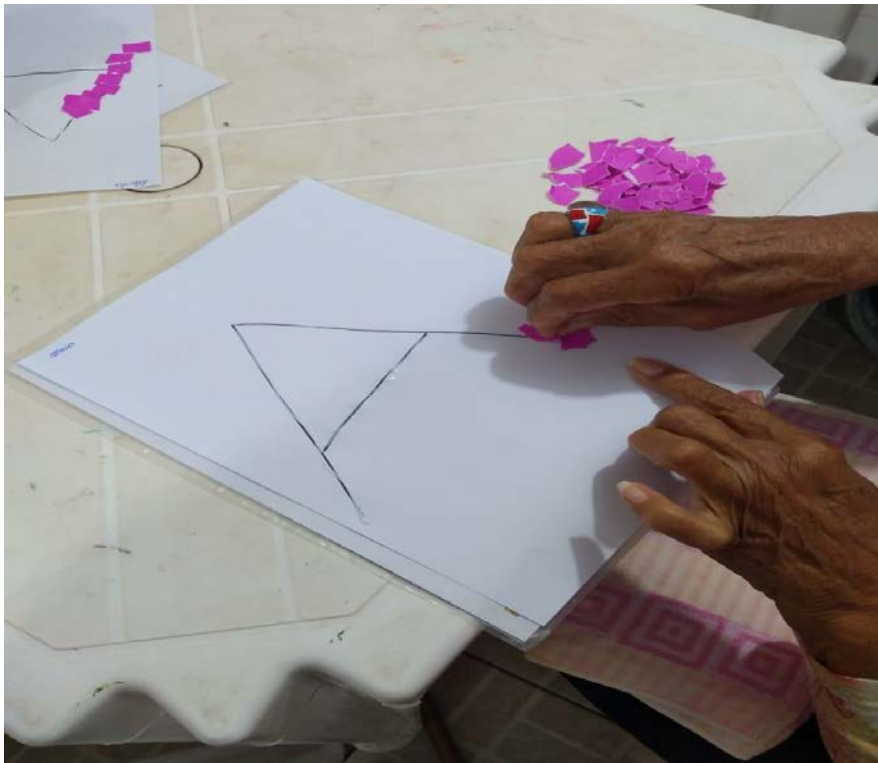


Figura 10

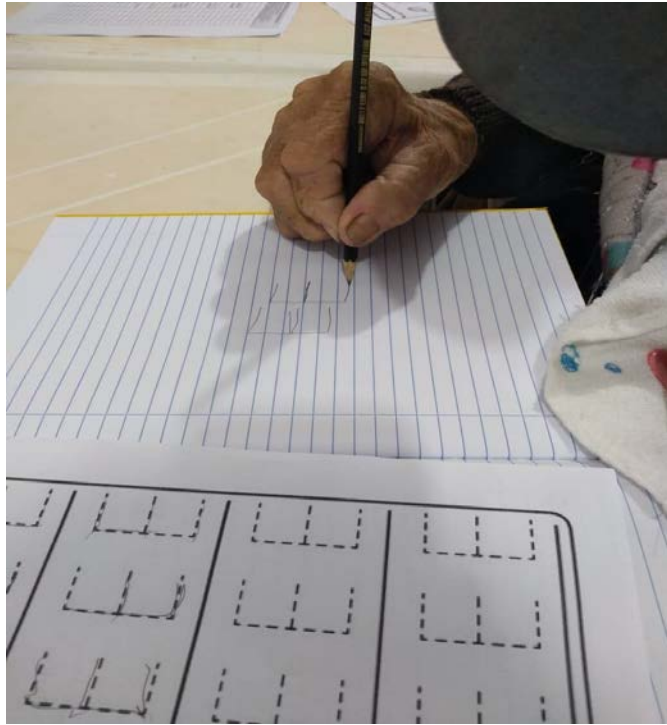


Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Você está sendo convidado a participar como participante do projeto “ALFABETIZAÇÃO COM IDOSOS” realizado a partir de uma parceria entre a Faculdade Santa Rita – FASAR e o “Lar de Velhice Maria de Souza Spínola” sob responsabilidade da pesquisadora Viviane Maria da Silva. A partir deste projeto, será realizada uma pesquisa científica na área da Educação em espaços não escolares. Por isso será realizada a coleta de informações por meio de entrevistas e fotografias dos participantes para comprovação da realização do projeto para que a comunidade acadêmica em Educação aprofunde suas concepções de Educação a Idosos Institucionalizados. As entrevistas serão realizadas no “Lar de Velhice Maria de Souza Spínola”, onde os idosos residem, de forma a evitar e minimizar qualquer constrangimento aos pesquisados convidados que aceitaram participar. Você poderá consultar a pesquisadora responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida. Você está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. **Todas as informações fornecidas e os resultados obtidos** só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas. Não haverá **nenhuma divulgação de nomes dos participantes nem serão mostradas quaisquer informações que identifique os idosos ou o lar, mas apenas dados numéricos, descritivos e imagens em grupo**. Você será informado de todos os resultados obtidos, e não terá quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações para a melhoria do ensino. Diante das explicações, se você concorda em participar deste projeto, coloque sua assinatura a seguir e forneça os dados solicitados.

Nome: _____

R.G _____

Endereço: _____

Fone: _____

Novo Horizonte, _____ de _____ de 2019

Responsável legal do(a) estudante

Pesquisador responsável

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao representante legal e a outra ao pesquisador;

| | |
|-------------------|--|
| Nome Pesquisador: | |
| Instituição: | |
| Endereço: | |
| | |